

A CIDADE DESFAZ OS SONHOS DOS CAMPONESES

N. 21/6/82

por Bernardo Mavanga (texto) e António Marmelo (fotos)

Uma média de 140 pessoas chega diariamente à capital do País com o intuito de fixar residência, vindas na sua maioria das províncias do Sul. Sem habitação e sem emprego, os recém-chegados abergam-se não raras vezes em casas de amigos ou familiares, a quem sobrecarregam os gastos caseiros já por si elevados. A questão de fundo, que está na origem desta avalanche do campo para a cidade, é, conforme pudemos apurar, a procura de uma colocação bem remunerada.

Contactos estabelecidos pela nossa reportagem com pessoas que, na última semana, desembarcaram nas terminais dos autocarros de longo curso, nomeadamente das «Oliveiras» e «U-

MOS», permitem-nos afirmar que tal situação cresce cada vez mais, envolvendo jovens com idades dos 15 a 22 anos.

— Venho procurar emprego — diz-

se-nos Eduardo Lucas Soto, de 19 anos de idade, natural de Chibuto. Não havia uma hora que chegara à capital, quando o interpelámos.

Deixando a sua bagagem ao cuidado do seu tio, irmão do pai, Eduardo Lucas, ainda tímido, explica-nos ao tentarmos saber quais as razões da sua deslocação a Maputo.

— Procuo emprego. A convite do meu cunhado Daniel Mussave, parli do Chibuto e, pelo que tenho ouvido dizer, espero sem demora arranjar colocação.

— Lá em casa não fazia nada — diz, responderido a uma pergunta e acrescenta:

— Já cá estive em 1981, também a convite do meu cunhado, mas, como não tivesse sido bem sucedido, regresssei à terra por algum tempo. Agora, de novo desembarco, para ver se consigo alguma coisa.

Jovem, a i n d a com idade escolar, Eduardo Soto, deixou Chibuto e os seus pais que, cultivando a terra, vendendo ou trocando os excedentes da sua produção, o criaram até à data. Conforme nos revelou, cedo deixou de estudar, passando a ocupar-se de trabalhos caseiros.

Durante a nossa troca de impressões, na sua fala, Eduardo Soto denota um certo orgulho e entusiasmo por ter conseguido ou «estar quase a vencer».

Indagado sobre a possibilidade de encontrar emprego na sua zona de origem, muito simplesmente disse: Não procurei emprego no Chibuto.

Muitos outros casos poderiam ilustrar a dramática situação migratória do campo para a Cidade do Maputo, por várias vezes apoiada consciente ou inconscientemente pelos já citadinos.

SEI QUE AQUI VOU ARRANJAR EMPREGO

João Fernando, que, proveniente de Vilanculos, na Província de Inhambane, desembarcou terça-feira na terminal da «ROMOS», em Maputo, pela primeira vez, disse ter sido chamado por um primo, que lhe prometeu serviço.

Aparentando entre 22 a 24 anos, João Fernando afirmou ter apenas 14 anos, não se sabe se com o intuito de, servindo-se da menoridade, alhear-se das suas atitudes.

— Nunca vim a Maputo — diz acrescentando — mas tenho conhecimento de que aqui é possível encontrar lugar para trabalhar, quanto mais não seja como empregado doméstico. Um meu primo disse-me que havia de procurar trabalho para a minha colocação.

João Fernando não tem ainda emprego, não sabe fazer nada, nunca ninguém lhe ensinou outra coisa se não cultivar. Enquanto se considerou

trouxe mais duas pessoas para sua casa.

Tal é a situação que, diariamente, se repete, enriquecendo a densidade



João Mahumane, foi de férias e trouxe mais duas pessoas à cidade

pequeno — como diz — estudou e fez a segunda classe do Ensino Primário.

O primo não o foi esperar à terminal, muito embora tivesse prometido. João não tem seu endereço de casa e tão pouco sabe onde trabalha. Estará eventualmente ainda a percorrer as ruas da cidade, votado ao abandono sem onde comer, nem repousar.

Guardas das terminais testemunham que tais casos muitas vezes acontecem. Um passageiro chega e não encontra a família. Fica um, dois dias vagando nas redondezas da terminal até que acaba «desentascando».

VEIO À CONVITE DO PAI E ELE CONVIDOU O PRIMO

João Mahumane de 19 anos, casado e com dois filhos, tem o mais típico destes episódios.

Chegou a Maputo, a convite de seu pai, em 1976. Em 1978, depois de arranjar colocação na Empresa de Saida Matola, onde o pai também trabalha, foi a Vilanculos buscar uma das suas duas mulheres e um filho. Mais recentemente deslocou-se novamente a Vilanculos para trazer para a capital o seu irmão mais novo, de 16 anos.

Ao desembarcar na última semana na terminal da «ROMOS», tivemos a oportunidade de com ele trocar impressões sobre este assunto, ao que nos disse:

— Regresso de Inhambane. Tinha lá ido passar as minhas férias e aproveitei trazer o meu irmão comigo, para aqui procurar emprego. O meu primo, nosso vizinho, lá em Vilanculos, também quis vir e eu achei por bem não impedir.

Na verdade, João Mahumane, também partiu de Maputo, onde reside a convite do pai, desde 1976, sózinho. Porém, no seu regresso das férias,

populacional na capital do País, agravando o problema dos abastecimentos, em detrimento das realizações nacionais com lugar nas zonas rurais.

OUTROS EFEITOS

Quando uma a uma as pessoas, alheias a toda uma realidade, da vida da cidade, abandonam as suas terras e famílias e partem para as cidades, tão pouco fazem ideia da situação que as espera e dos problemas que colucam aos cidadãos.

A procura de emprego, aliada aos atractivos que as cidades têm para o camponês, rói-lhas de tal forma o miolo que não se apercebem de que a colcação, por que tanto anseiam, deixam-na na terra que abandonam.

A problemática do movimento migratório do campo para a cidade resulta no caso do Maputo, em situações que vão desde o aumento de deficiências no sistema de abastecimento em vigor, aos problemas de habitação, coloca milhões de pessoas no subemprego e retardada ainda mais as tentativas feitas no sentido de se irem desenvolvendo gradualmente as comunidades rurais.

O aumento da marginalidade e criminalidade na cidade, o aparecimento de um número cada vez maior de mendicinos e ainda a prática da cangaanga não são senão resultados objetivos desta situação.

Ao falarmos com João Mahumane, procurámos saber se a vinda de mais duas pessoas para o seu agregado familiar não iria alterar os hábitos de consumo da família, mais particularmente no que se refere à alimentação, apoiada distribuída conforme o número de pessoas em cada casa. Ele não soube responder. Quando lhe perguntámos se na sua casa caberiam mais duas pessoas, também ficou duvidoso.



Uma média de 140 pessoas chegam diariamente à capital para fixar residência